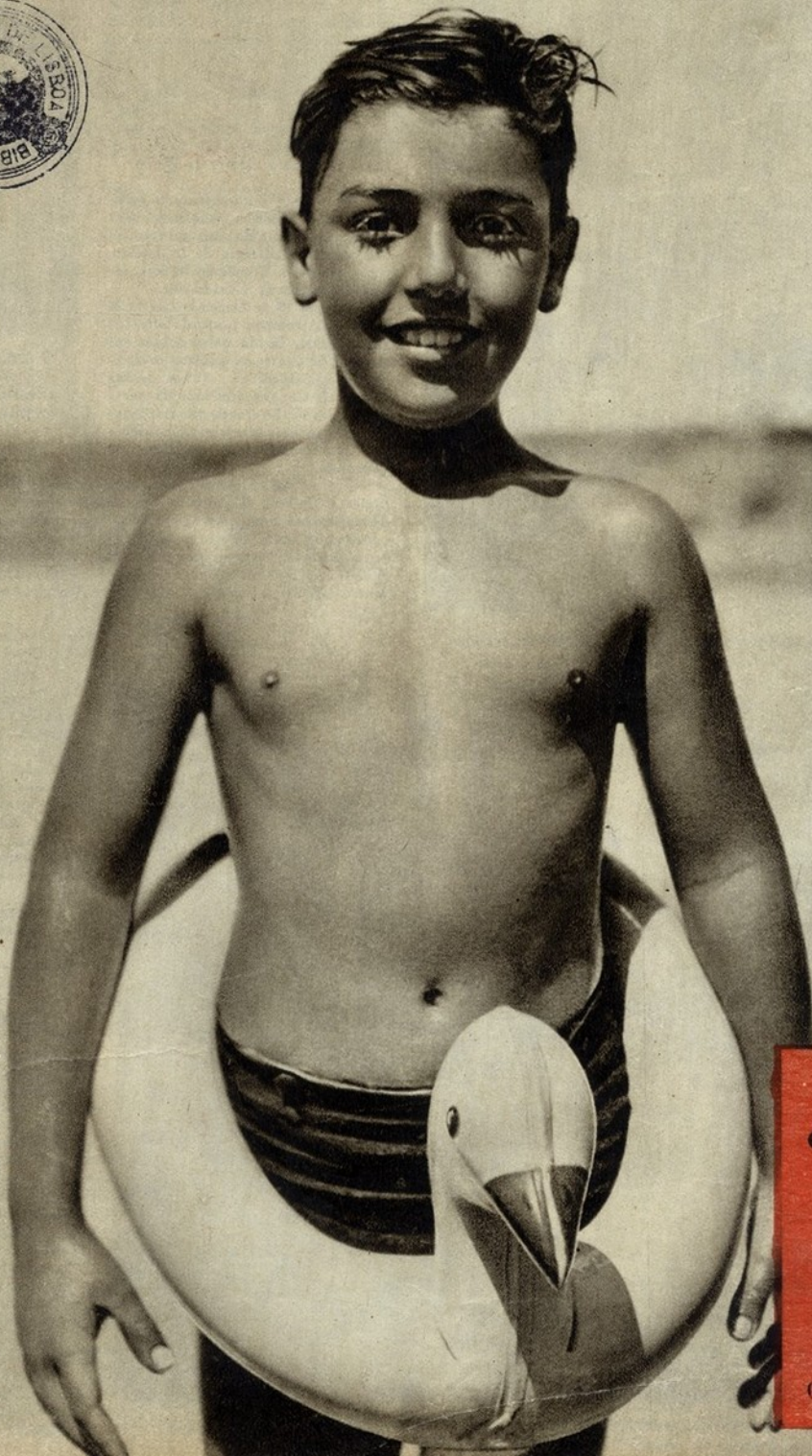


# MUNDO GRÁFICO

95



A alegria  
do sol e do mar  
sorri  
expressivamente  
na cara  
dêste garoto

(Fotografia do prof. Campos Coelho)



## A ESTRADA DE PEREGRINOS DE CANTERBURY

por GEORGE EDINGER

**N**UMA distância de cento e sessenta quilómetros, através do Sul de Inglaterra, um velho caminho segue a cadeia de colinas que vai de Winchester a Canterbury.

«A estrada que passa por Merrow  
[Down  
É hoje uma senda cheia de ervas,  
A uma hora da cidade de Guildford,  
Que domina a ribeira de Wey»

É o caminho que dezasseis gerações de peregrinos seguiram, para irem rezar diante do mais sumptuoso dos altares medievais de Inglaterra, o túmulo de S. Tomás de Becket, arcebispo mártir de Canterbury.

Foi em 29 de Dezembro de 1170 que Becket tombou junto do altar da sua catedral, ferido pelos golpes das espadas de quatro cavaleiros vestidos de armaduras. E, menos de dez anos mais tarde, a afluência de peregrinos era já tão grande que foi construída uma hospedaria para os albergar, na Rua Grande, próxima da Catedral.

Foi na sua companhia que viajou Geoffrey Chaucer, o primeiro dos poetas ingleses. Os seus «Gontos de Canterbury» descrevem, não sem um tudo nada de malícia, os homens e as mulheres que cavalgavam a seu lado ao longo da estrada que ainda hoje é designada pelo «Caminho dos peregrinos»: o cavaleiro da corte que combateu pela Cruz; o vendedor de indulgência e de falsas relíquias; a loquaz comadre de Bath e o pobre abade da paróquia que tem muito cuidado em ensinar os preceitos de Cristo antes de praticá-los...

«Peregrinos são todos  
Que cavalgam por montes e vales para  
Canterbury»

Eles sobrevivem nas páginas maravilhosas do poeta. Eles sobrevivem, também, em qualquer que ainda hoje percorre o caminho dos peregrinos, os olhos voltados para Canterbury. A estrada — se podemos chamar-lhe assim — serpenteia, muitas vezes entre montanhas e terras bravas, outros entre planícies maravilhosas, nunca medindo largura maior do que seis pés, desprezando todos os macadames modernos, os asfaltos e os paralelepípedos.

Quando se caminha para Leste, na direcção de Canterbury e do mar, observa-se que o caminho dos peregrinos não pode evitar certas vantagens estratégicas do terreno, por causa das exigências que ditaram o traçado do seu percurso. Na Idade-Média, os vales cobertos de poeira no verão, e de lama barrenta no inverno, não eram propícias para os peregrinos. Nas colinas e cristas que o caminho segue, logo à saída de Londres, pode ver-se, agora, qualquer fragmento de um dos centos de aviões alemães de bombardeamento abatidos no Outono de 1940. E, próximo do caminho, existem, hoje, os campos de onde levantaram voo os «Spitfires» que ganharam a Batalha de Londres. Próximo das portas das igrejas das localidades situadas de um de outro lado do caminho, há escritos que convidam às práticas antigas dos peregrinos: «Este é um lugar de preces, morada de que Cristo, com a sua presença sagrada, fez um lar».

Oito séculos depois da sua morte, S. Tomás continua a proteger a grande capital que ele amava, no princípio da estrada dos peregrinos.



*O interior da velha hospedaria, onde os peregrinos pousavam repouso depois de longas e tormentosas jornadas*

*O magnífico côro da catedral de Canterbury, vendo-se, ao fundo, o altar*



*Esta é a velha hospedaria dos peregrinos, construída há mais de 750 anos. Bombas alemãs caíram muito perto, durante a Batalha de Londres*



# A GRANDE BATALHA

por ARTUR PORTELA

**F**OI preciso que a outra guerra atingisse o seu termo, para que nós soubessemos o valor histórico da batalha do Marne. Nem mesmo os soldados e generais que nela entraram, tiveram no momento decisivo, consciência do dramático papel que desempenhavam. Para eles, aquele alto numa retirada organizada nas margens dum rio estreito e triste, bordado de olmos e salgueiros, não passava talvez, de um recontro, mais prolongado e mortífero através de emaranhadas linhas de baionetas e de canhões que se afrontavam.

E, no entanto, o que ali se passou foi das mais belas coisas que aureolou de epopeia a alma da resistência francesa. Foi somente depois de firmada a paz, quando os generais vencidos e vencedores analisaram os acontecimentos, que o Marne, no seu clarão de glória, apareceu com a sua luz fulgurante e decisiva, a marcar a ferro e fogo, implacavelmente, a derrota da ala direita alemã, que convergia sobre Paris.

Diga-se, porém, o que se disser, o Marne não apressou o fim da guerra, nem sequer repeliu o perigo da invasão; salvou, quando muito, uma cidade: Paris! Daí, talvez o silêncio, o obscurecimento, até mesmo o desconhecimento que, durante perto de quatro anos, envolveram o grande feito de armas.

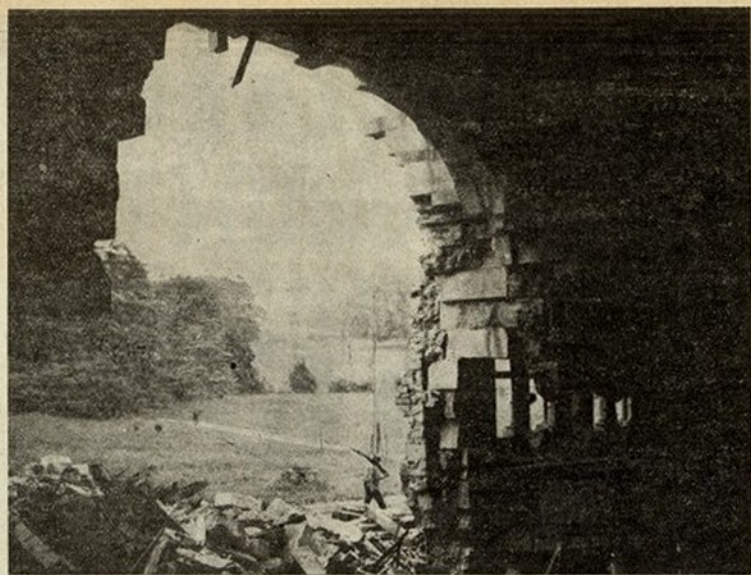
Agora, porém, tudo foi diferente, sobrepunando o que se fez no Marne, numa concepção fulminante e gigantesca, tanto mais que não se tratava duma manobra defensiva, mas dum tremendo, dum esmagador golpe ofensivo, planejado e realizado numa escala nunca vista na história militar.

A batalha de França que, com razão, devemos chamar a batalha da Europa, é de uma projecção estratégica e política, que transcende os fastos de qualquer época e de qualquer nação. Dir-se-ia que a guerra encontrou, finalmente, o seu gênio, sem dúvida, destruidor, mas libertador também, que emancipou a França, numa rapidez vertiginosa, abrindo as portas da Bélgica, da Holanda e da Alemanha, aos exércitos das Nações Unidas. Em menos de um mês, a partir da ruptura em Avranches, as bandeiras anglo-americanas têm percorrido centenas de quilômetros, com a instantaneidade e o deslumbramento dum relâmpago. Para as forças blindadas «aqui» que tanto pode ser Chartres, como Orleans, é já «ali» Paris ou Bruxelas, Reims ou Namur. As repercussões políticas dessa batalha, vitoriosa sempre que depois da derrocada do 7.º exército nazi se converteu em perseguição, foram enormes. Toda a estrutura das alianças ou colaborações do Reich se despedaçou.

A Roménia modifica a sua atitude; a Bulgária declara guerra a Alemanha; a Finlândia pede a paz; a Checo-Eslováquia revolta-se; as forças Yugoslavas assediaram a capital do seu país. Tudo se esboroa, treme, vacila, na Alemanha, e à sua volta. A decantada fortaleza europeia — desaparece. O seu perímetro já não é o litoral do velho continente; quando muito, uma linha de cimento, fendida pela arremetida das columnas blindadas, que penetraram no Reich. Dempsey e Patton são ciclones de fogo, avançando sempre.

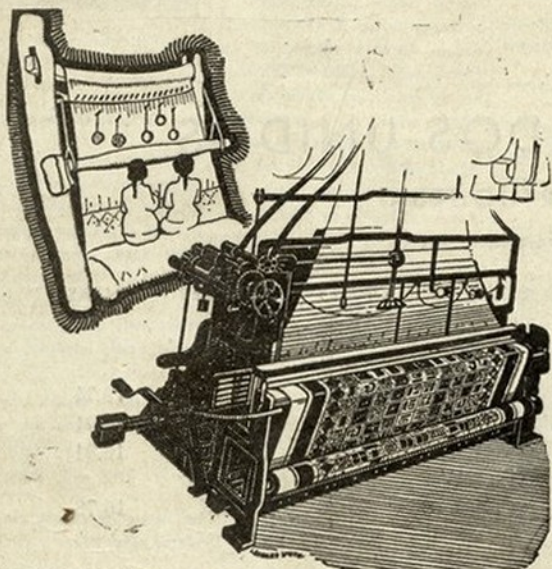
A batalha da França, a maior batalha da História,

(Conclui na pág. 5)



O solo da França foi, finalmente, libertado. Para lá das ruínas da guerra, ao nascer trazendo a certeza da vitória.

## TECIDOS



**A**CTUALMENTE a Grã-Bretanha anda de uniforme, quer sejam os fardamentos dos soldados, os «macacos» dos operários das fábricas de munições ou os fatos e vestidos austeros de todos os outros. Que grande diferença da variedade de tecidos e cores de que se podia dispor em dias mais felizes!

Era ao químico que se devia toda esta maravilhosa diversidade. Mas, na guerra como na paz, as indústrias têxteis confiam absolutamente no químico britânico.

As fibras naturais têm de ser limpas e depois tratadas com óleos especialmente seleccionados para cada tipo de fibra. Se assim não fosse, a complicada maquinaria por onde elas passam, fá-las-ia em pedaços. Depois, as fibras quer sejam de algodão, seda artificial ou lã, ou uma mistura de quaisquer destas, têm de ser coradas e acabadas. Estes tratamentos são quasi mais importantes para um uniforme de combate do que para os fatos do tempo de paz.

Contudo, muitas das matérias-primas essenciais para estas operações não podem agora ser obtidas e, assim, o químico teve de descobrir novos materiais e de inventar novos processos, muitos dos quais possuem novas propriedades que lhes garantirão um lugar no mundo do pós-guerra. Deste modo, ao resolver os problemas do presente, muitas vezes o químico goza do privilégio de encontrar a chave para o futuro.

**A química ao serviço do homem**

**IMPERIAL CHEMICAL INDUSTRIES, Londres, Inglaterra**







...aqui

# AMÉRICA



## Emissões dos ESTADOS UNIDOS

EM LINGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

HORAS	ESTAÇÕES	ONDAS	ESTAÇÕES	ONDAS	ESTAÇÕES	ONDAS	ESTAÇÕES	ONDAS
11.45	WRUS	30,93	WRUA	25,45	WKLJ	30,75		
12.45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WGEO	19,56		
13.45	WRUS	19,83	WRUA	26,45	WRUW	25,58	WBOS	19,74
16.45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUL	19,57	WRUW	16,91
17.45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUL	19,57	WRUW	16,91
18.45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUW	16,91		
19.45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WGEA	25,33	WGEX	16,78
a	(Meia hora de programa especial)							
20.15								
20.45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WGEO	19,57	WGEX	16,78
21.45	WRUS	19,83	WRUS	30,93	WRUL	25,58	WKLJ	30,77
22.45	WRUS	19,83	WRUS	30,93	WKLJ	30,77		

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da B. B. C. das 19 e 45 às 20 horas.

*Emissões diárias*

# OIÇA A VOZ da AMÉRICA em MARCHA



# REFLEXOS DO MUNDO



Um soldado alemão camuflado, no momento de ser feito prisioneiro

## Modéstia à la mode

Uma rapariga do exército e um jovem e simpático proprietário foram dar um passeio. O rapaz levava um balde às costas, uma galinha numa mão, uma cana na outra mão, e conduzia uma cabra.

Chegados a um sítio arborizado e sombrio, disse a rapariga:

—Tenho receio de andar por aqui na sua companhia. Pode tentar beijar-me.

Respondeu-lhe então o rapaz:

—Como é que eu posso fazer isso, com todas estas coisas que transporto?

—Hum!—bradou a pequena —V. pode espetar a cana no chão, atar a cabra a ela, e cobrir a galinha com o balde.

(Tit-Bits, Londres)

## Diplomacia apenas...

Um diplomata neutral que recentemente chegou a Londres não sabia uma palavra de inglês. Mas tinha um livrinho de frases. Vejamo-lo numa das suas entrevistas:—

O jornalista: E o que pensa de Londres?

O diplomata: o cão está no jardim, obrigado. Traga-me um selo postal.

J—Esta é a sua primeira visita?

D—Também tinta e uma pena e champagne. Tenho sono.

J—Sente frio neste país?

D—Agora vou telefonar-lhes.

J—Quere dizer alguma coisa aos nossos leitores?

D—Tenha a bondade de tomar conta da minha roupa suja, senhora criada.

(Daily Express, Londres)

## Produzir e poupar

A respeito da fome, depois da ocupação, o povo holandês conserva o seu senso de humor. Uma dona de casa holandesa sugere a seguinte receita para uma «primeira refeição racional».

«Pegue na sua senha (de racionamento) da carne, enrole-a na da farinha e lance ambas na senha do azeite. Aqueça tudo no seu cartão para o carvão até aparecer a côr castanha persistente. Em seguida, junte o cartão das batatas e o da manteiga. À parte, adicionará o cartão para o leite ao do café «ersatz», mergulhando na massa a senha para o pão. Depois, limpe a boca ao aeu cartão de inscrição, lave as mãos com a senha do sabão e enxugue-as com o cartão do vestuário».

(War Humor)

## A distância conta...

Há uma anedota que relata a única vez em que a guerra foi mencionada, num chá dansante em Hollywood. Duas raparigas tinham apostado: pronunciar alguém uma palavra sobre a guerra? Parecia que ninguém se referiria à guerra, visto a reunião ter decorrido animadíssima e estar prestes a terminar. Mas, à saída do último parquinho, um homem declarou:

«Se Mussolini não houvesse abdicado nesse dia, a fotografia de George viria na capa».

(The Spectator, Londres)

## Que Coincidência!

O primeiro Lord do Almirantado, A. V. Alexander, começou a trabalhar aos treze anos no 23.º dia dum mês, mudou de profissão em 23, entrou para o exército em 23, e casou-se quando contava 23 anos. A primeira vez em que entrou na Câmara dos Comuns foi num dia 23, e reeleito no dia 23 também. Finalmente, quando nomeado sub-se-



cretário, verificou com espanto que o seu lugar da Câmara tinha o número 23.

## Provérbio Chinês

É difícil fazer um amigo num ano, mas é fácil perdê-lo numa hora.



A ternura dos britânicos pelas crianças francesas. Esta sorri, nos braços do seu grande amigo

## Curiosidade aritmética

Se lhe perguntassem, leitor amigo, qual é o maior número primo, que responderia?

Artur Lucas, em 1877, já o sabia:

170. 141. 183. 460. 469. 231. 731. 687. 303. 715. 865. 106. 726. Como vêem são necessárias

duas linhas para escrevê-lo. E o leitor é capaz de o lêr?

## A invasão do Sul da França

Assim como na Normandia e na Itália, agora, na invasão do sul da França, os engenheiros aliados desenvolvem brilhante actividade. Uma das invenções que tem conquistado pleno êxito nas campanhas das Nações Unidas na Europa é a ponte movida Bailey, que leva o nome do engenheiro civil inglês que a desenhou—imaginem—no verso de um envelope!

Trata-se de uma ponte fácil de montar e desmontar, e aguenta todo o material pesado. O general Montgomery disse dela: «Será necessária em qualquer parte da Europa para onde formos».

★ A amizade fraternal dos exércitos anglo-americanos. Numa estrada francesa, duas colunas motorizadas saudam-se entusiasticamente depois da derrota alemã



O feliz casamento de dois soldados da Grã-Bretanha

# A GRANDE BATALHA

(Conclusão da pág. 3)

salvou a Europa! Em bem poucas horas, afinal, se modifica o destino das Nações e do Mundo. Foi o que sucedeu agora, num assombro, que nunca ninguém ousou prever. Depois de tantos dias de expectativa, mesmo para os que nunca duvidaram, como nós, esta hora é de uma levitação ardente e triunfal!

Agora, caso curioso, nada se passou na sombra, digamos, até, silenciosamente, como sucedeu no Marne. Assistimos à grande batalha, vimo-la desenrolar-se, momento a momento, passámos da expectativa aos acontecimentos que nos ultrapassavam sempre.

Sorrimos com Paris libertada, vimos os soldados ingleses e americanos colher as mais belas rosas da França, ouvimos o repicar dos sinos na capital da Bélgica, notas de ouro, de alegria e de vitória, ecoando por toda a parte, desde o norte da Itália até aos longínquos campos da Moldavia.





Os construtores da vitória

### Morgan e Montgomery

OS nomes de Morgan e Montgomery, dois generais ingleses, ficarão para sempre ligados à história desta fase da guerra e da espetacular vitória dos Aliados na batalha da França. Foram eles os construtores da vitória magnífica que coroou o esforço das armas britânicas e americanas.

O Primeiro Ministro da Grã-Bretanha revelou num dos seus últimos discursos como o general Morgan, em seguida à invasão da Rússia, foi encarregado de preparar os planos para um desembarque, em grande escala, no litoral do continente.

A realização desses planos, nesta segunda parte da tarefa que dependia a vitória aliada, coube a Bernardo de Montgomery, que acaba de ser justamente elevado ao posto de marechal. Montgomery conhecia, como ninguém, os métodos da guerra alemã. Tinha-os estudado, em todos os seus pormenores, na África, na Itália e em Itália, onde se cobrira de glória. Sabia a qualidade dos adversários que teria de derrotar e não ignorava o fundo de nenhuma das manobras que eles costumavam pôr em prática. Confiando-lhe o comando das forças desembarcadas, os chefes britânicos e americanos tiveram ocasião de verificar até que ponto eram perfeitamente justificadas as esperanças depositadas no génio militar de Montgomery. Este dispôs, em todos os momentos, da confiança absoluta dos seus chefes e subordinados desde os mais graduados até aos simples soldados. Esse foi o segredo da sua vitória. Os nomes de Montgomery e Morgan não poderão nunca ser esquecidos quando se recordar, no futuro, a verdadeira importância que obteve a decisão rápida da batalha vitoriosa travada em França pelos Aliados.

## CRÓNICA INTERNACIONAL

# A CAMINHO DA DECISÃO

A decisão da guerra aproxima-se. Pode dizer-se mesmo que está mais próxima do que seria lícito esperar ainda há algumas semanas. Cinco anos decorridos sobre o início das hostilidades na Polónia, a luta entrou na sua fase final. São os últimos arrancos de um combate sem tréguas que a humanidade está presenciando, sem que haja, nos espíritos, e a mais ligeira dúvida quanto ao seu resultado final.

Quando as hostilidades se iniciaram, o povo britânico estava praticamente desarmado. O desarmamento era a prova inequívoca das suas intenções pacíficas. Esse povo, que aceitara as negociações de Munich e procurara salvar a paz à custa do sacrifício dos seus interesses mais legítimos, reconheceu, em certa altura, que os seus adversários haviam escolhido deliberadamente o caminho da guerra e que esta se tornara uma fatalidade inelutável e decidiu-se a fazê-la com toda a energia e com as suas qualidades tradicionais: a competência dos seus chefes, a bravura dos seus filhos e uma tenacidade que dera freqüentes provas de que se tornava ao fim de certo tempo a condição fundamental para alcançar a vitória.

A esse respeito a guerra que está a findar não trouxe quaisquer surpresas. Repetiu aquilo que os homens do nosso tempo deviam conhecer mas que, voluntariamente, haviam preferido ignorar.

O que se passou nestes cinco anos de luta foi a confirmação duma regra histórica que se repetirá sempre que no horizonte internacional se desenhem ambições de conquista ou tentativas de hegemonia. Os povos livres do mundo, embora separados por divergências profundas, uniram-se espontaneamente contra o princípio da agressão e da conquista territorial. Essa liga revelou-se invencível. À sua frente encontravam-se, desde a primeira hora, a nação britânica e o seu Império.

Tendo entrado na guerra para honrar os compromissos que havia assumido em relação à Polónia, a Grã-Bretanha e o seu povo não se deixaram intimidar nem vencer, mesmo na hora em que o vencedor parecia designado pelo destino e pela sorte das armas. Quando teve que abandonar o ocidente da Europa, foi com a promessa de que voltaria para a libertação e para o resgate. Ao fim de quatro anos a promessa foi cumprida de maneira magnífica.

A derrota da França entregou o continente europeu à dominação alemã. A Grã-Bretanha recusou-se aceitar o facto consumado e continuou a lutar sósinha contra um inimigo, cuja superioridade material se havia afirmado por toda a parte, e cujos preparativos lhe haviam dado uma margem de superioridade que só podia ser resgatada à força de trabalho, de perseverança e de heroísmo.

Agora que a guerra se aproxima vertiginosamente do seu termo e que a decisão será dada naquelas mesmas terras que as forças britânicas há quatro anos se viram obrigadas a abandonar e que agora conquista brilhantemente da ocupação estrangeira, é ainda para ela que se voltam todos aqueles que desejam ver instaurada no mundo uma paz de justiça e de equilíbrio, que não seja o produto do ódio nem do desvairamento, mas que possa fazer voltar rapidamente o mundo às tarefas da reconstrução e do trabalho. Cinco anos de uma luta sem tréguas deram-lhe o direito incontestável de ter na realização da paz o mesmo lugar proeminente que ocupou durante a realização da guerra.

O OBSERVADOR

### Um despojo valioso

A declaração oficial feita pelo general Eisenhower no dia 31 de Agosto sobre o valor de despojo deixado pelos alemães durante a batalha da França ficará constituindo um dos mais impressionantes testemunhos registados no decurso desta guerra.

«Em 80 dias, declarou o comandante chefe dos exércitos aliados no Ocidente, entre 6 de junho, data do desembarque, e 25 de agosto, data em que terminou a batalha do Sena, foram totalmente aniquiladas vinte divisões de infantaria e 5 divisões Panzer; quatro outras divisões foram cercadas e destruídas; 12 divisões de infantaria e 6 divisões Panzer foram gravemente atingidas; os alemães tiveram 400 mil baixas, incluindo 200 mil prisioneiros; derrubamos ou destruímos, no solo, 3,54 milhões inimigos e afundamos em operações no mar 300 navios de várias tonelagens.»

### A Bélgica e a Holanda

A Bélgica e a Holanda foram libertadas pelos exércitos vitoriosos dos Aliados. Belgas e holandeses suportaram quatro anos de ocupação estrangeira com conseqüências que só os seus filhos perfeitamente podem conhecer e avaliar. Mas o espírito de resistência em ambos os países nunca enfraqueceu nem o ânimo dos patriotas se sentiu atingido pelas privações sofridas.

Nesta guerra, os belgas ressuscitaram gloriosamente o espírito imortal dos seus heróis e dos seus mártires de há trinta anos, o Rei Soldado, o burgomestre Max, o arcebispo de Malines. Quanto aos holandeses, basta que recordemos a atitude varonil da sua rainha, exemplo vivo das virtudes do povo.

### Luzes de Londres

Londres voltou a iluminar-se! Mesmo nas noites dramáticas do blackout, a cidade heróica teve um fulgor irradiante, alimentado pelas almas dispostas a morrer ou a vencer. O vento da guerra não conseguiu, afinal, sufocar a chama do espírito. Dir-se-ia mesmo que, latente, durante estes longos anos de guerra, ela irrompeu agora mais alta e fulgurante. É velho o símbolo da luta entre o bem e o mal, a luz e as trevas, mas desde que o mundo é mundo, apesar de todos os colapsos, a vida retorna, o homem avança sempre, e o sol não se esquece de beijar a terra, mesmo nos dias mais frios, para que ela seja fecunda e germine, generosamente, nos seus flancos o pão de todos — e não de alguns.

## MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: ARTUR PORTELA  
Editor: ROCHA RAMOS

Propriedade do Mundo Gráfico, L<sup>a</sup>

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º | Lisboa | Telefone 25240

Composição e Impressão: Neogravura, L<sup>a</sup>, Travessa do Oliveira, à Estrada, 4 e 10 — Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1950

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA





O desfile da vitória, nas ruas de Paris. A França recebeu, assim, os heróis da libertação

## A DERROCADA DO 7.<sup>o</sup> EXÉRCITO ALEMÃO

A batalha da França, a segunda batalha da França nesta guerra, terminou, praticamente, no dia 1 de Setembro de 1944. Nessa data, cessou toda a resistência organizada do exército alemão em solo francês. As colunas aliadas atingiram a fronteira da Bélgica, entraram em Verdun, ocuparam Dieppe, atravessaram a fronteira franco-italiana e chegaram a Vintimiglia. Nomes que recordam os acontecimentos dramáticos ocorridos há quatro anos, naquelas mes-



Para além de Paris, a caminho da fronteira da Alemanha. Os blindados das Nações Unidas chegam às portas da Bélgica

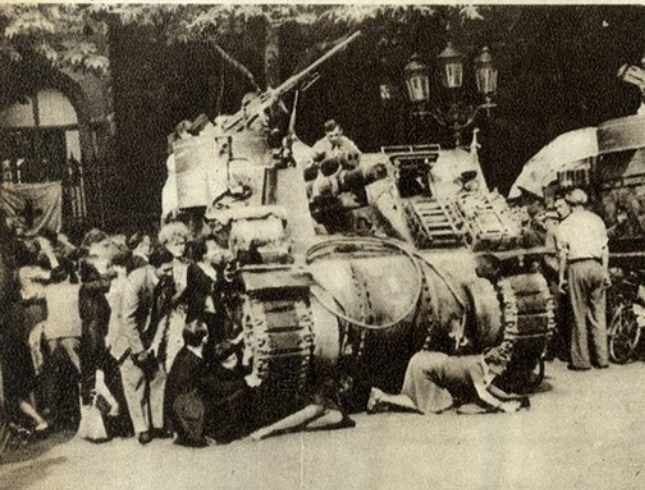




O general De Gaulle, chefe do Governo francês, no primeiro dia em que chegou a Paris, assistiu a cerimônias religiosas na catedral de Notre Dame



Soldados ingleses são abraçados assim pelas parisienses



As tropas anglo-americanas dominaram rapidamente a última resistência dos alemães em Paris, os quais alvejaram a população, quando ela se entregava a entusiásticas manifestações de alegria



Quando os soldados americanos passam nas estradas da França

A saída de De Gaulle de Notre Dame, alguns atiradores fizeram fôgo sobre a multidão, que se lançou ao solo para escapar às balas nazis

mas paragens, quando o sentido da guerra era diferente e tudo parecia curvar-se perante o ímpeto ofensivo dos invasores.

Os alemães levaram para ocupar dois terços do território francês quarenta e dois dias. Essa mesma extensão territorial foi libertada pelos exércitos aliados em pouco mais de trinta. O período decorrido entre o desembarque no litoral da Normandia, no dia "D.", (6 de Junho) e o malogro da tentativa de rotura alemã no sector de Avranches (1 de Agosto) foi consumido pelos trabalhos de desembarque, pela organização dos portos e pela concentração de forças e material em território francês.

Mas, desde o momento em que se renovou, em França, a guerra de movimento, com as características de rapidez que o mundo conheceu em 1940, a acção dos aliados foi muito

(Continua na pág. 29)





## A GRANDE OFENSIVA

Churchill, Montgomery e Dempsey, em pleno campo de batalha, na França, seguindo no mapa das operações, o sentido das flechas de penetração. Montgomery, como sempre, foi a concepção feliz. O seu plano ousado atingiu o inimigo em pleno coração. Fixando-o em Caen, ele permitiu que os exércitos coligados anglo-americanos, da ala direita o envolvessem numa bolsa gigantesca, cuja última malha foi Falaise. Dempsey bem se pode chamar o general relâmpago. Não anda; vôa. As suas tropas atravessaram, em 36 horas, a Bélgica e conquistaram Bruxelas e Antuérpia num *record* de velocidade e de tática nunca atingido. Deve-se ao audacioso general inglês a redução das bases dos aviões foguetes. Foi ele, quem fez brilhar de novo as luzes de Londres. Das trevas dum *black-out* de cinco anos, surgiu, finalmente, a luz vitoriosa na cidade heróica. Entre os dois, Churchill, o génio desta guerra, a quem a Europa deve a sua libertação. Um homem que vale uma nação, um povo e um século!





**Pitorescos da guerra.** Os homens da R. A. F. são distinguidos, com particular simpatia, pelos franceses. Como bons ingleses, são sempre impecáveis. Apesar dos seus constantes e duros combates, arranjam alguns minutos para fazer a barba diariamente. Mlle. Alice Cachard presta a sua homenagem aos libertadores do seu país, fazendo a barba a este soldado

**O Brasil na guerra.** Um corpo expedicionário da grande nação sul-americana já desembarcou na Europa. O exército brasileiro, que tem tradições gloriosas, vai mais uma vez demonstrar a sua bravura. Estes soldados, em qualquer parte da Itália, festejam o 2.º aniversário da declaração de guerra do seu país às forças do Eixo

**A pólvora faz sede.** A população francesa tem sido incedível no auxílio prestado às forças britânicas e americanas. Enquanto os jovens das F. F. I. se batem ardorosamente, as mulheres, secundam as tropas libertadoras mesmo nas linhas de combate. Esta, fechou a porta da sua casa e levou ao soldado inglês um refrescante copo de cerveja, sem se importar com as balas do inimigo



**O melhor material.** Os ingleses e os americanos têm apresentado numerosas armas, novas ou modificadas, como estes lança-chamas, cuja projecção incendiaria alcança muito mais longe do que os engenhos vulgares. Esta secção de infantaria está desalojando as forças inimigas, nas Ardenas, que tiveram de bater em retirada

# VAI TERMINAR A GUERRA



**Imagens da guerra.** No meio dos destroços de um forte conquistado pelas forças aliadas aos alemães



**Os vencedores.** Os generais Eisenhower, Koenig, Bradley e Tedder, sob o arco do Triunfo, em Paris



**A Libertação da França.** Lyon, a terceira cidade francesa, foi libertada, depois de violentos combates. As F. F. I. apoderaram-se de vários bairros, mas os alemães entrincheiraram-se noutros, até que as forças vindas do sul penetraram na cidade, exterminando as últimas resistências



**A derrota em França.** Os alemães batidos, que puderam escapar à gigantesca batalha de cerco das forças anglo-americanas, e já sem material motorizado, que a aviação e artilharia terrestre destruíram implacavelmente, utilizaram carroças de camponeses, mas, mesmo assim, os olhos da aviação descobriram-nos e essas colunas foram ceifadas



**O ataque à linha Siegfried.** Os exércitos motorizados percorrem, agora, rapidamente, grandes distâncias: França, Bélgica, Holanda e Alemanha. As forças aliadas, em verdadeiras torrentes, irradiam por todas as estradas, submergindo as forças inimigas que são obrigadas a





Um quadro no qual se reproduz um dos salões da casa John Murray, em 1815, vende-se, entre outros, lord Byron, Walter Scott, William Croker, Canning, Carron e Isaac D'Israeli, cujas obras o famoso livreiro editou

## UM EDITOR INGLÊS

por CLAUD GOLDING

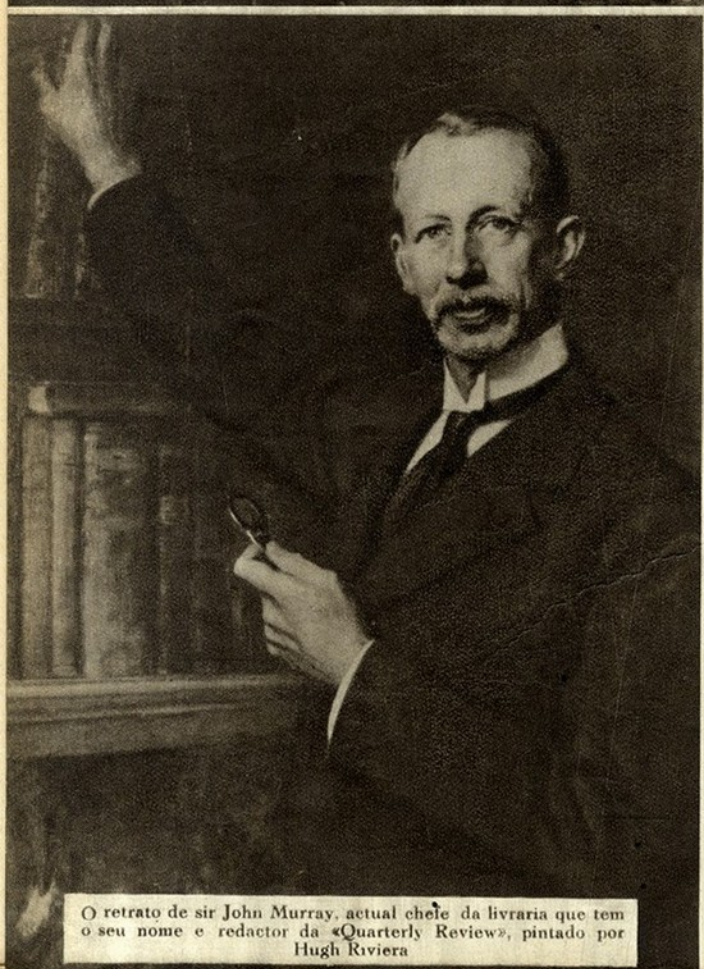
**E**M Albemarle Street, pequena rua tranqüila, adjacente a Piccadilly, encontra-se uma das mais célebres casas editoras do mundo. Chama-se, simplesmente, John Murray e, durante dois séculos, foi dirigida por gerações sucessivas de John Murrays.

Nesse período, alguns dos maiores homens de letras foram acolhidos no sóbrio salão da casa. A maioria saiu com as algibeiras bem guardadas, depois de ter confiado a John Murray os seus versos ou a sua prosa.

Nos confortáveis escritórios da casa, pode, com um pouco de imaginação, supor-se os autores que ela editou, entre os quais Byron; Thomas Campbell, Walter Scott, George Canning, Southey, Gabbe, Livingstone, Darwin, Hallam — e estes não são, senão, alguns dos mais famosos.

Há, por exemplo, o caso clássico do «Childe Harold», de Byron: o segundo John Murray deu a Byron 600 libras por uma parte do poema, salvando, assim, o poeta, imprevidente e predulário, do abatimento e da falta de coragem. Quando, mais tarde, Byron se encontrava com pouco dinheiro — o que lhe sucedia freqüentemente — podia contar sempre com John Murray. Ao todo, o editor pagou 20.000 libras

(Continua na pág. 29)



O retrato de sir John Murray, actual chefe da livreria que tem o seu nome e redactor da «Quarterly Review», pintado por Hugh Riviera





*Conchita Cintron é, também, admirável toureira a pé. Veja-se a elegância castiça deste passe de capote.*



*Como os campinos do Ribatejo, ela cavalgava alegremente por entre as manadas, pampilho ao ombro. Só lhe falta o barrete verde*

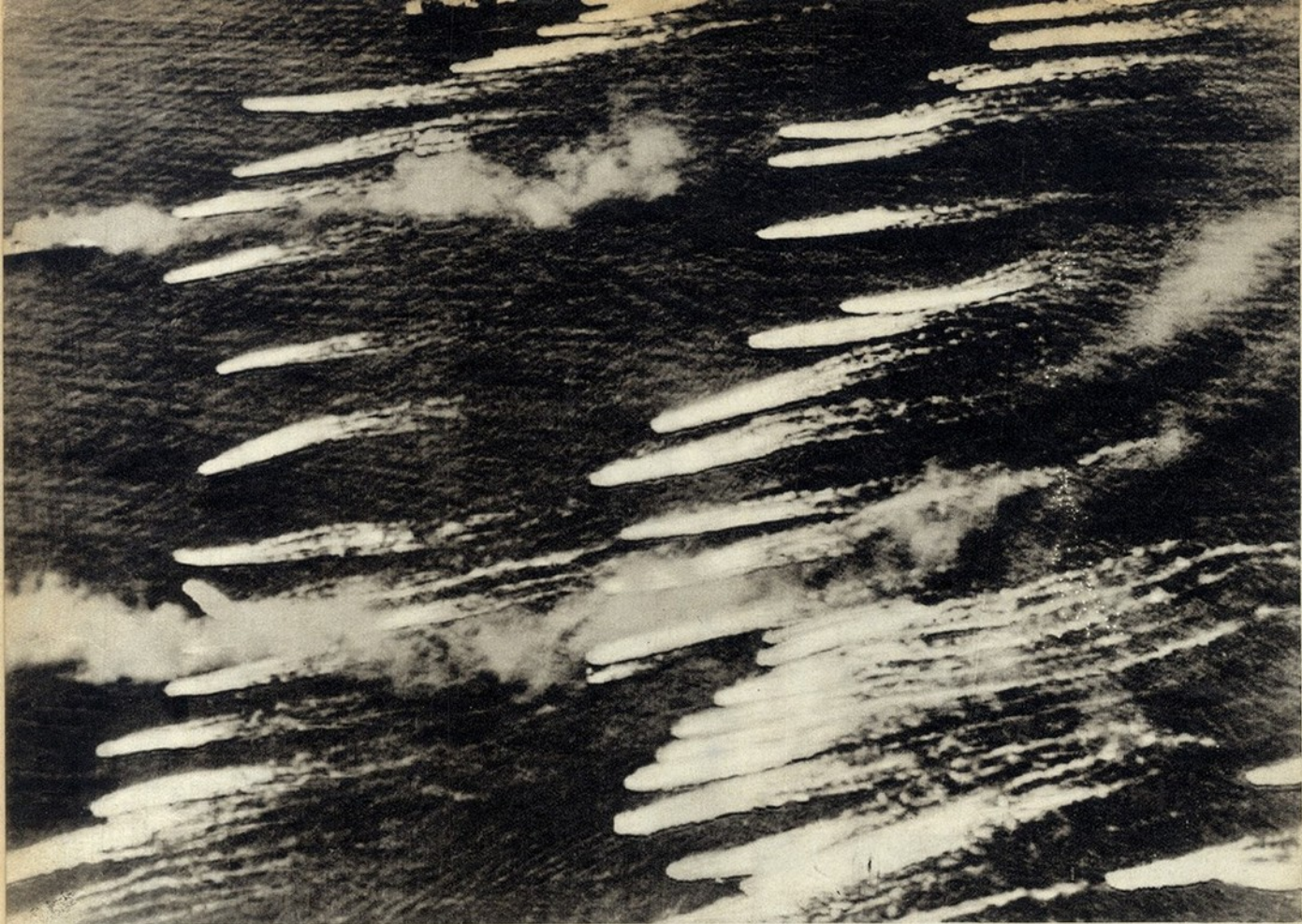
## A MULHER TOUREIRA

**N**ÃO são muitas as mulheres que convertem a sua graça e a sua fragilidade em valentia e heroísmo. Sangue ardente, recortada de admiráveis atitudes de estatuária, toureando com um ritmo quasi coreográfico e desafiando a morte, com um sorriso, Conchita Cintron deu à festa brava numa noite inesquecível de redonde!, um supremo acento de graça e de audácia. Em lances admiráveis, ela elevou a sua arte até à grande estatuária da beleza. Lutou, admiravelmente, sem que o seu coração estremecesse, num silêncio de assombro e de admiração. Maior do que tôdas — souber, mais do que uma mulher, a alma do toureiro, a sangrar em reflexos de ouro e de temeridade. Dir-se-ia que se envolvia de flores, nas suas «filigranas» e que a fera, apaixonada, se não denominada, obedecia a um encantamento fascinante — o perigo dos olhos negros da toureira. Fomos surpreender Cintron, numa quinta do Ribatejo, flôr ardente e doirada da campina, entre cavalos e toiros. Talvez que estas fotografias de intimidade, sem retoque, ajudem a compreender melhor o perfil desta linda mulher para quem a vida e a morte se confundem no mesmo beijo arrebatado e sangrento.



*O seu cavalo favorito vai tomar banho. Ela descalçou os botins, arregaçou as calças e monta em pélo*





# A FORÇA IRRESISTIVEL DOS AMERICANOS

Como os americanos realizaram o seu formidável ataque a Guã. Centenas de tanks anfíbios lançaram-se ao assalto das praias numa vaga irresistível



O famoso general americano Bradley, que tão notavelmente se tem destacado na campanha da França pelos seus avanços fulminantes

Os americanos marcham para a linha Siegfried. Estas colunas de homens e de material estendem-se por centenas de quilómetros





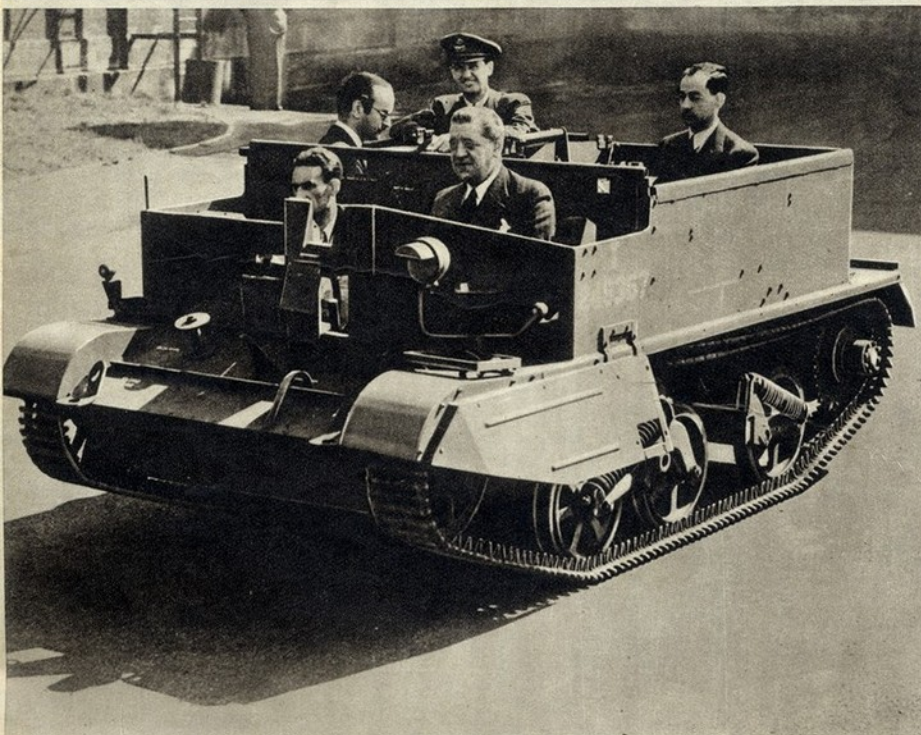


O sr. duque de Palmela esteve recentemente em várias fábricas de material de guerra, na Grã-Bretanha. O nosso embaixador visitou, no seu itinerário, o castelo de Edinburgh. A direita, vê-se o general Sir Andrew Thome

# UMA VISITA ÀS FÁBRICAS DE GUERRA



A bandeira de Portugal nos céus da Inglaterra. Ao centro, vê-se o sr. duque de Palmela com os srs. dr. Félix Horta, consul de Portugal em Liverpool, e o secretário da Embaixada, Queiroz



O embaixador num blindado ligeiro



Em Edinburgh, nas ruínas gloriosas da capela real de Holyrood →



# A ALEMANHA FOI INVADIDA



**CHURCHILL ENTRE OS SOLDADOS DO 8.º EXÉRCITO**

Um primeiro plano da guerra. Churchill, na Itália, com o general Alexander, que brilhantemente tem conduzido a campanha naquele país

**O ATENTADO CONTRA HITLER**



O julgamento dos oficiais generais que se revoltaram contra Hitler. Responde o general Hoepfner, que foi levado ao tribunal em traje civil



As tropas inglesas marcham, vertiginosamente, para a frente: Bélgica, Holanda ou Alemanha, não dando descanso ao inimigo. Os destroços do 7.º exército alemão na França. Todas as estradas até Paris estão repletas destas careças de tanques e outros blindados



**ENFERMEIRAS AMERICANAS**

Num hospital de campanha americano, algures na França. A nova enfermeira apresenta-se



condição de oficiais alemães. Em toda a França se fizeram para cima de 300 mil prisioneiros



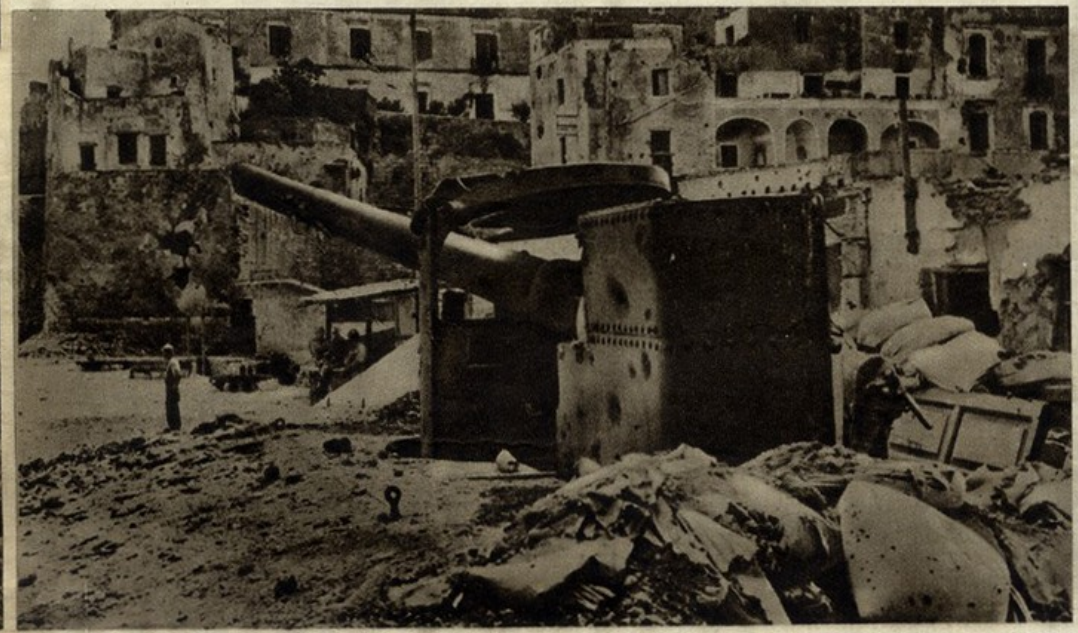
São cada vez mais extensas as filas dos soldados nazis capturados



Centenas de toneladas de material de guerra alemão são agora montões de sucata nos campos da França e da Bélgica



A derrota dos exércitos alemães na batalha do Continente



**FORTALEZA DESMANTELADA**

Os canhões da inútil fortaleza alemã são todos desmantelados



O inimigo reduziu Lisieux a ruínas. Dir-se-ia que a Cruz parece ainda maior





O cabelo de uma mulher é a sua corôa de beleza

**ELAS SÃO  
SEMPRE  
BONITAS**

A «toilette» feminina é das coisas mais complicadas do mundo. Supomos até que esse problema já preocupava a mãe Eva. E tão complicada é que um teorema de trigonometria é coisa de uma simplicidade infantil.

E como não ser assim, se na mulher reside, instintivamente, uma noção de beleza — para nós, feios bichos da criação, impenetrável.

Dizem que a graça que as jovens põem nos seus toucados, é, em tantos casos, um martírio para elas.

Não acreditem. Nenhum sacrifício se impõem para ser graciosas, esbeltas, eternamente jovens e fascinantes.

A graça é nelas uma virtude. A beleza a sua eterna aspiração. Mesmo as que o já são aspiram a ser mais belas ainda.

Estas considerações, porém, devem parecer ridículas, às jovens que porventura nos estejam a ler.

Que nada há mais desastrado do que um homem a perorar sobre encantos femininos. Há assuntos que nos estão vedados, e este é um deles. Se às vezes lhe fazemos referência é por audácia: falamos à-cêrca de um tema que ao mundo feminino pertence.

Todavia não podemos deixar de reconhecer a ciência usada pela mulher para conseguir a eternidade da sua beleza.

A mulher de hoje, a despeito do significado prático da vida que os homens lhe pretendem impor, é cada vez mais estonteadoramente feminina.

Podem as exigências do momento decorrente, obrigar a mulher a fingir de

homem... isto é, a vestir um «fato macaco», ou a usar um inestético boné; que por mais que façam não conseguem que ela perca a natural graça herdada da mãe Eva.

Já no Paraíso, a companheira de Adão teve cuidados esmeradíssimos com a sua longa cabeleira.

Hoje a cabeleira das nossas raparigas não será tão comprida mas nem por isso é menos bela.

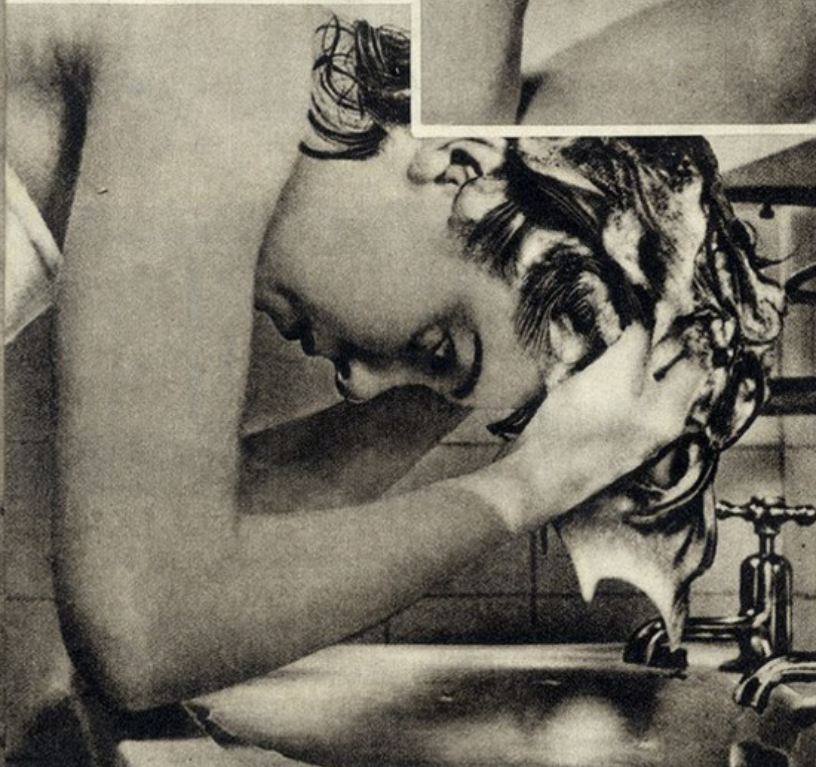
O «boudoir» de uma jovem dos nossos dias não é menos desprovida de produtos químicos do que um complicado laboratório.

Não existem as tranças de Margarida, os cabelos de ouro de

(Continua na pág. 30)



Há que untar com um tônico, cuja base é um bom óleo, madexa por madexa, lentamente, numa operação que dure, pelo menos, dez minutos



Depois, lavá-lo com shampoo, tornar a lavar, ensaboá-lo de novo, até o cabelo ficar solto. Cautela com as unhas para não produzir infecções



Enxugue à mão o seu cabelo, esfregue-o bem com uma toalha para estimular a circulação



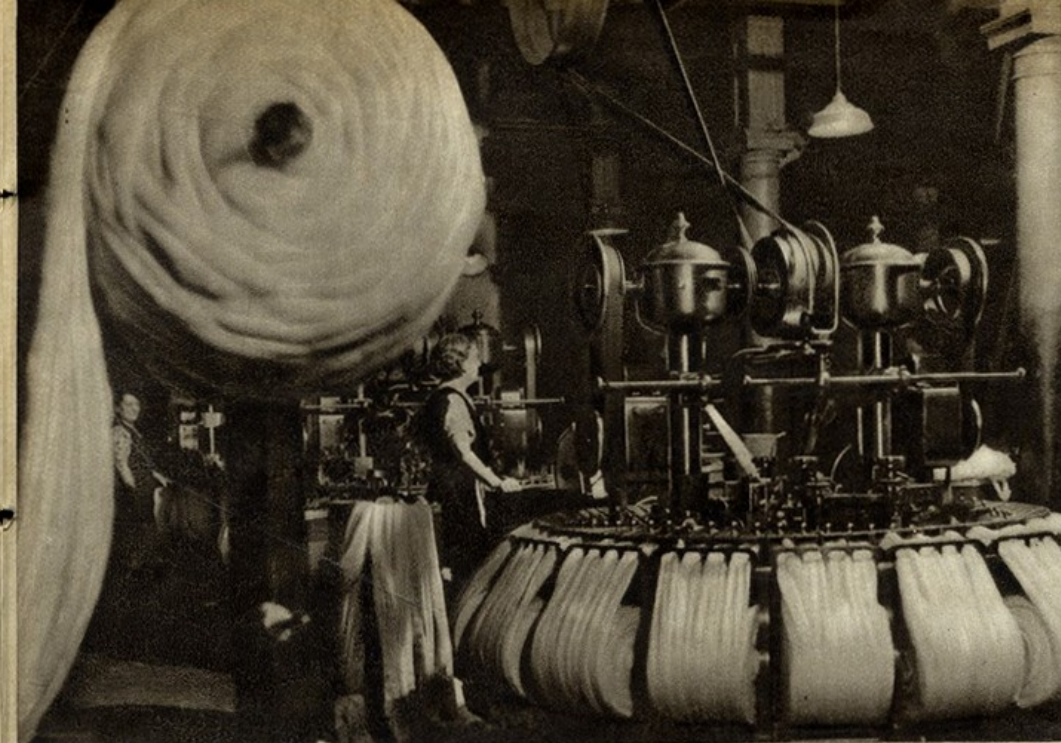
Por fim, escorre bem o seu lindo cabelo para o tornar brilhante. Se quere ter uma bonita cabeleira siga este conselho: mantenha-o limpo e bem escovado

Em seguida, pôr a cabeça debaixo de um chuveiro de maneira que não fique qualquer partícula de sabão que, secando, parece caspa — o que é feio





A cardadora. Os flocos brancos de lã vão ser reduzidos a fios



Um complexo penteador que separa sutilmente as fibras grossas das finas



Uma máquina de emolar. Cada fuzo converte-se num carrinho de linha

# A INDÚSTRIA BRITÂNICA DA LÃ

por A. JOHNSON

**D**URANTE séculos as pastagens da Grã-Bretanha alimentaram inúmeros rebanhos de carneiros que forneceram a população de carne e de lã. Há muito tempo que se reconheceram as extraordinárias qualidades da lã, tais como solidês, ilasticidade, capacidade de absorver a humidade

e resistência ao fogo. Desde a sua origem, a produção da lã tem sido suficiente para satisfazer as necessidades do povo britânico, enquanto que a sua qualidade é, também, incontestavelmente superior à dos outros países. Assim, o produto tornou-se, também, a principal e mais importante exportação da Inglaterra.

Desde tempos muito remotos, a habilidade natural dos fiadores e tecelões britânicos revelaram-se nos tecidos que fabricavam.

Era difícil produzir o tecido em quantidade suficiente para os pedidos nacionais e estrangeiros. A fição era, ainda, obtida por processo um tanto primitivo, empregando-se muito poucos acessórios mecânicos.

Tudo isso mudou, porém, quando um modesto fiador do condado de Lancastre inventou uma máquina de fiar que revolucionou toda a indústria da lã. Esta desenvolveu-se rapidamente, melhorando a qualidade dos tecidos, que foram exportados para todas as partes do mundo.

Essa invenção constituiu, ainda, a base da indústria britânica das máquinas têxteis, que forneceu dos melhores maquinismos de fiar todas as partes do mundo.

Este avanço da indústria têxtil britânica permitiu aos fabricantes especializarem-se na manufatura dos fios de lã de todas as espécies. Assim se conseguiu fiar tão bem a branca e fina lã australiana como as fibras encrespadas e elásticas da Nova Zelândia e do Canadá e as espécies mais grossas importadas da Índia.

As investigações dos químicos sobre as matérias corantes e a habilidade dos tintureiros provocaram uma verdadeira revolução na indústria dos tecidos. Além disso, tanto os maquinismos se aperfeiçoaram que os tecidos de lã fabricados na Inglaterra são, incontestavelmente, os melhores do mundo.

(Continua na pág. 36)



Um sistema de enrolamento mecânico, que a operária dirige, intervindo, apenas, quando a linha, o que é raro, se quebra

Centenas de mulheres e raparigas estão empregadas na indústria das lãs, onde accionam as mais complicadas máquinas



Uma complicada trama fez esta magnífica peça de tecido — que sai isenta de qualquer defeito



Esta enroladora «produz» bobinas cónicas de fios



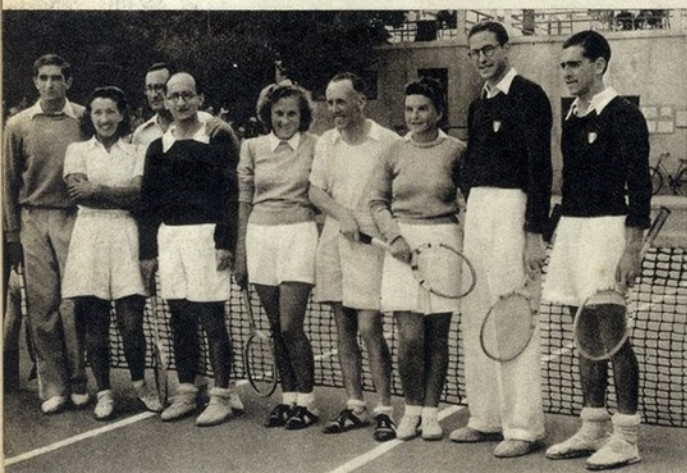


*O novo governo, presidido pelo sr. dr. Oliveira Salazar, com o Chefe do Estado*

# FIGURAS E FACTOS



*O sr. dr. Vieira Machado empossando o novo Ministro das Colónias, sr. dr. Marcelo Caetano*



*Os concorrentes ao campeonato de tennis no Estoril*



*A assistência aos encontros de tennis, no Estoril*



# PAGINA FEMININA

## DE AURORA JARDIM

### Estética e prolongamento

HÁ modas de beleza como há modas de elegância. Na França ferida, de hoje, tôdas as excentricidades estão banidas. Tanto num campo como no outro.

A maquilhagem tem que dar, agora, a aparência da verdadeira mocidade e da verdadeira saúde.

A beleza decadente do romantismo, a gordinha de 1900, a magricela e arrapazada de 1920, a desportiva e bronzada de 1930 — podem recolher a um museu.

A mulher de hoje está mais perto da natureza; gímnasticando-se com equilíbrio adquire saúde; fazendo vida ao ar livre, armazena reservas de vitalidade e recua velhice.

Fernand Aubry é o maquilhador francês, por excelência. Modificou ultimamente a sua técnica: não depila mais sobrancelhas, não usa nenhum



Uma linha elegante para uma «soltrée»



As primeiras flores de Outono



A guerra não despojou as mulheres da sua elegância

*fond-de-teint* opaco e deixou fora as pestanas postíças. Só tem um fim e um método: acentuar as belezas naturais e, por meio de maçagens e modelação em altura (de baixo para cima), corrigir as imperfeições.

A condessa de Maizaubran trabalhou muito tempo com um especialista — estético americano. Para o seu Instituto de Paris, trouxe uma descoberta que, depois da guerra, talvez venha a ter séria aplicação; consiste em fazer Injecções de um soro sanguíneo que penetra a pele de um sangue novo, activando a circulação.

### PARA A DONA DE CASA

Objectos de ferro esmaltado

No lume, nunca ficarem sem líquido; quando quentes, não lhes deitar, de súbito, água quente.

Quando estão negros por dentro, ferve-se-lhe água de sabão, ou deixam-se sobre o fogão com uma solução de 250 grs. de cloreto de cal e 250 grs. de potassa, em 5 litros de água.

Gaby  
COUTURIER

RUA BRAAMCAMP, 6, R/C. D.  
Telef. 43735

MODÈLES  
PARISIENS

LISBOA





Eric Portman e Anne Crawford, respectivamente, nos papéis de capataz da fábrica e de aristocrata que se fez operária



Patricia Roc e Gordon Jackson, que têm um desempenho de grande relevo no filme

# MILHÕES COMO NÓS!



Uma cena de «Milhões como nós».

DO muito que o cinema nos tem trazido sobre o drama em que se debate a juventude de todo o mundo, *Milhões como nós* ficará como o mais humano e sincero de todos os filmes inspirados no presente conflito.

Quando o Ministro do Trabalho dirigiu à Nação um apêlo em que pedia mais um milhão de braços para a indústria de guerra, responderam à chamada raparigas de tôdas as classes sociais que, em lugar do ambicionado uniforme das forças auxiliares, tiveram de envergar o sóbrio fato de macaco.

No ambiente atordoador da fábrica nasceu um estranho e pitoresco idílio entre uma rapariga da alta-sociedade e o modesto capataz das oficinas, orgulhoso do seu trabalho, que êle considera o melhor pergaminho de nobreza. Os lances graciosos e cheios de espírito d'êste romance de amor entre duas pessoas tão desiguais em tudo, conduzem a um desfecho completamente inesperado.

(Continua na pág. 30)



# A CHINA BATE-SE

OS acontecimentos precipitam-se. A decisão iminente da guerra, na Europa, terá uma profunda repercussão no conflito do Extremo Oriente. O Japão batido, incessantemente, pelas forças inglesas na Birmânia e pelos americanos, no Pacífico, sabe que se aproxima a hora decisiva. As forças yankees que já penetraram nas suas linhas, interiores, com a conquista de Saipan, estão prestes a desfechar um novo golpe sobre as ilhas Felipinas ou, no arquipélago de Bonin, qualquer dêles a poucas milhas de Tóquio. Como para a Alemanha, só resta ao Japão — a rendição incondicional, restituindo, assim, todos os territórios de que tão ambiciosamente se apoderou.

A China, reintegrada nas suas fronteiras assumirá de novo o seu papel grandioso no Oriente, honrando uma história e uma civilização que são das mais belas da humanidade.



A graciosa madame Chang-Kai-Chek, depois da visita a um colégio feminino americano



Pilotos americanos da Força Aérea dos Estados Unidos na China, que pertencem a uma base próxima de Chung-King



Uma enfermeira fazendo um curativo no campo de batalha  
Aviadores chineses, entre duas batalhas com os "Zeros" nipônicos



**DENTOSAN**  
**ELIXIR**

**PODEROSO**

**DENTIFRICO**

**PURIFICADOR**

**DO HALITO**



**DENTOSAN**

*Dentes com saúde*



## Um homem antiquado

HÁ coisa de cinco anos nasceu em Lisboa uma curiosa figura que teve grande influência na vida teatral de então.

Chamava-se Guilherme Celestino, era doutor e desempenhou o cargo de primeiro official da administração política na administração do reino.

Esse homem, que era de rara cultura e invulgar talento, teve uma absorvente paixão — a do teatro.

Mais de uma vintena de traduções e adaptações de obras dramáticas, foram representadas nos principais teatros de Lisboa, Porto e do Brasil.

Refere-nos o autor de «Carteira do artista» que, quando o dr. Guilherme Celestino fôra nomeado director da Associação do Velho Teatro da rua dos Condes, remodelou totalmente a «organização» ali existente. Ao assumir o cargo declarou o seguinte: «Fui encontrar o Velho Templo da Arte completamente transformado em hotel para pernitoar! Comia-se, bebia-se, dormia-se ali; mas a única coisa que se não fazia era representar, e os raros espectáculos anunciados salientavam-se pela completa ausência de público.

Pus tudo no ôlho da rua, desde o empresário até ao último corrector, fechei a porta e levei para casa a chave que, por sinal, tinha tais dimensões que bom podia servir de bengala a qualquer fanfante de estatura regular.

Houve reclamações, protestos, fui queimado em estátus, mas o bruto a nada se moveu.

Esusado é dizer que o bruto era eu. Um mês depois, fiz desinfecção do teatro e adjudiquei a sua exploração a Sousa Bastos.»

Não há negar que este dr. Celestino era pessoa resoluta e sem receios.

Tanto radicalismo na solução de um problema teatral daquela época parece que foi de grande utilidade para a arte dramática.

Hoje... hoje... não dissemos tanto!... Mas só um soprozinho daquele espirito decidido, talvez não fôsse fora do propósito para certos casos teatrais!

Ou estaremos nós a axagerar o mal?

## Imagens literárias . . .

AQUI há uns bons anos, à mesa de um «café», quatro rapazes (rapazes naquele tempo) falavam com exaltação de uma notável figura literária muito em destaque.

Um deles classificou-a de deslumbrante construtor de imagens.

Ouvindo a referência, um senhor de importância aproximou-se da mesa e inquiriu:

— Desculpem-me a pergunta: não poderiam dizer-me a morada desse senhor?...

— Qual senhor? — Interveio um do grupo.

— Esse que fabrica imagens.

É que eu ando com a mania de mandar fazer umas imagens para um nicho, e se esse «fabricante» não me levasse muito caro podia encomendar-lhe algumas.

## Ao sabor dos factos

NÓ tempo em que os homens eram, depreciativamente, alcunhados de românticos, fez escola este dito sensabor que lhes era aplicado em ar de grave sentença; «Querem mudar o curso dos acontecimentos».

Não afirmamos, mas quere-nos parecer que, então, alguns homens, se não alteraram radicados métodos considerados imutáveis, pelo menos tentaram modificá-los.

Hoje, porém, dá-se o contrário: são as acontecimentos que orientam e dão oportunidade às convicções individuais.

# ONTEM E HOJE

POR AUGUSTO RICARDO

## «Rodin»

QUANDO um dia Paul Gsell procurou Augusto Rodin a fim de colher d'ele impressões de arte, ouviu do assombroso escultor o seguinte:

«Você interessa-se ainda pelas coisas de arte? É uma preocupação que já não é bem do nosso tempo.

Hoje os artistas e aqueles que os admiram devem ser olhados como animais fósseis. Imagine um megotério ou um diplodocus a passearem pelas ruas de Paris!

Eis a impressão que nós devemos dar aos nossos contemporâneos».

Mas punhamos de parte o que nos tempos decorrentes, o estatutário de «L'Apell Suprême», poderia julgar.

O artista que no «Lys brisé», deu forma à expressão poética da vida, vai ter entre nós a consagração do seu génio criador, numa obra notável que breve virá à estampa.

Chama-se essa obra, que desde já podemos considerar de notável, «Rodin».

Simplemente «Rodin». Sem mais um permênor ou a exigência de um adjectivo.

Publica-se uma editorial do Pôrto e subcreve-a Jaime Brasil. A citação deste nome dispensa o costumeado e banalizado cortejo de adjectivos, manha muito em voga usada por aqueles que sobre elogios constroem a petiquetas dos seus hipotéticos méritos.

Jaime Brasil, a quem se devem já algumas obras admiráveis, demonstrar-nos-á, mais uma vez, neste seu próximo trabalho, quanto pode o seu valor de realização e como são belos e elevados os seus intuitos de escritor.

O enorme estatutário de «L'homme qui marche», vai ter, pois, entre nós, o biógrafo merecido.

# P A R I S



QUANDO uma grande cidade, depois de haver sofrido longos tempos de ocupação, é libertada, tal facto traduz um alegre sentimento de alívio para os seus habitantes. Mas quando essa capital é Paris, o caso é diferente: a alegria atinge e invade o mundo inteiro. Não se trata de um acontecimento de simples feição patriótica.

A sua repercussão abrangge — vá o exagêro! — todo o Universo. Vai muito além de um episódio, notável embora, a salientar na marcha convulsionada do mundo. Paris é, também, um mundo e o mais belo de todos: o do espirito.

Paris assemelha-se a uma fascinadora mulher com seus naturais defeitos, seus êrozinhos, suas superficiais vaidades. Contudo, o seu espirito deslumbrou o mundo, criou ideias, alimentou sonhos, vislumbrou glórias e construiu as mais perfeitas visões de humanidade.

E tão grande foi o seu poder de graça, tão forte o seu dominio de beleza, tão lendária a sua heroicidade, generoso o seu amor, que uma desprendida frase a enaltece continuamente aos olhos dos estranhos.

Quando se fala de amor ou de espirito, de coisas elevadas ou de factos dignos de menção, não há ninguém que, sem querer, profira no começo de uma narração: «Uma vez em Paris...».

Pode o facto ter-se passado noutra cidade, mas a exaltação de quem o relata não revelaria grandeza se o narrador não dissesse: «Uma vez em Paris...» Eis uma forma de admirar!...



Macau, terra portuguesa

## Graças inofensivas

QUER seja errada, quer possua uma parcela de verdade, o que é certo é que os portugueses raro justificam, o dito que lhes é atribuído.

Essa atribuição não é da nossa responsabilidade: vem de um povo que, pela sua requintada cultura, muito espirito tem espalhado pelo mundo.

Pois, dizem de nós os franceses, somos muito alegres. Em face desta tão divulgada opinião temos que admitir como exacta a frase, muito embora sejamos tristes como um cirilo.

De quando em quando aparecem gracinhas, ditos descuidados, alusões mascaradas de bom humor.

Quem inventou tudo isso? Ora, quem havia de ser! Nós, os portugueses, que temos graça às carradas e em tal quantidade que nem sempre parece de agradável leveza.

Conhecemos pessoas que são de uma sensaboria de fazer pena. Todavia, se alguém de mau gôsto um dia se lembrou de lhes chamar engraçados, não há dito, nam chalaça, facécio ou parvoçada que lhes não sejam atribuídos.

Tudo o que essas pessoas escrevem ou dizem, por mais tristonho que seja, provoca a frase admirativa: que engraçado!

E a gente por mais que pretenda sorrir não consegue — nem mesmo para estar de acôrdo com pessoas aborrecidas.



# OS JORNAIS NÃO DISSERAM

DE RUY DE SEQUEIRA NAZARÉ

O QUE  
DESEJAIS  
MAIS,  
SENHORA?



Tornar-vos rapidamente bronzeada, sem queimaduras do Sol, sem sofrimento, sem estragar a vossa pele.

Antes de se expôr ao Sol besunte-se, cuidadosamente, com **AMBRE SOLAIRE** que afasta as raios solares prejudiciais à cútis e deixa passar as irradiações que trazem a pigmentação e a saúde. Faça o mesmo a seus filhos.

O **AMBRE SOLAIRE** permite a acumulação, em 15 dias, de saúde para todo o ano.

Vende-se em todos os bons cabeleireiros e perfumistas e no Depósito, rua d'Assunção, 88-2.º LISBOA.

núncio de que os aliados voltavam à carga. O inglês pôde ver o rosto do alemão.

— O teu nome?  
— Hermann... Hermann Dietrich.  
— Posso ser-te útil?  
— Sim... podes mandar para isto? — disse o rapaz, mais íntimo, erguendo o olhar para os bombeiros que sobrevoavam a praia.

— Oh, certamente. Basta fazer-lhe um sinal — tranqüillizou Roger.

O alemão nada mais disse. Nem podia dizer.

Roger ficou largo tempo silencioso. — Parece que estás a encomendar a Deus a alma deste louco germano — bradou um camarada, acercando-se em companhia de três outros, do meditando Roger.

Como que despertasse de um sonho, o inglês passou o punho da mão direita pelos olhos e respondeu:

— Cala-te, Jim. — Apontou o cadáver e acrescentou: — É apenas um jóvem... Estava a simpatizar com ele... Os homens não escutaram Roger. As bombas deflagravam sobre a decantada muralha do Atlântico.

— pensava Roger — rígido, inerte, apodrecendo na areia.

A este pensamento, decidiu afastar-se quanto antes daquele lugar. Breve, o corpo entraria em decomposição, de esfarrapado que estava. Não fôsse a perna, Roger dar-lhe-ia sepultura.

Terrível sêde se apoderava do sargento. De novo ouviu o gemido, desta vez mais nítido, trazido pela viração. Começou a sentir medo. Ver morrer um companheiro sem lhe poder valer assustava-o mais do que perder a vida sósinho. Aquela experiência no campo de batalha não o seduzia, embora o houvessem preparado para ela, verificou que das palavras para a realidade se estende todo um abismo. Ah! O estertor de um homem com uma bala no ventre! Roger chegou a pensar que a sua situação era pior ainda. Mas, talvez não... Só a perna... Só a perna esquerda é que lhe doía muito.

Traçou o último gole de cognac, e reanimadas as forças, arrastou-se, como pôde, na direcção "donde partira o apêlo. A areia, revolvida e escavada pelas bombas, pegava-se-lhe à perna amachucada, triturando a carne.

— Esta maldita perna do diábio... já lhe costou... — Roger esvaziou o frasco de sulfas que retirou da algibeira.

Mais uns palmos, sempre percorridos do esforço, e ei-lo chegado ao pé do camarada que se debatia na agonia.

Traçou uma cançoneta — «Oh Mr. Burrows...» — lembrando-se dos seus tempos de criança em que venia o temor quando a noite o surpreendia, sósinho, nas suas digressões pelos campos da Escócia.

Tomou o pulso ao camarada, fazendo-o com tal cuidado que parecia ter receio de se queimar. Julgou-o morto. Apalpou-lhe então a cintura e retirando o cantil esvaziou-o num trago. Foi neste momento que o companheiro deu sinal de vida.

Sede... — balbuciou — sede... O sargento redobrou as suas forças para ir buscar o cantil de algum cadáver próximo. Não foi fácil. Só ao terceiro, conseguiu o que desejava.

A perna parecia que já não lhe doía. E o medo evolara-se totalmente como se fôsse uma nuvem negra levada nas assas do vento.

Aproximou o cantil dos lábios do moribundo. Sentiu um líquido espesso e pegajoso a escorrer da boca do camarada sobre as suas mãos grossas. Voz fraca, entrecortada, assim falou a vítima:

— Coragem, meu velho... É apenas sangue... Isto é o começo. Amanhã há-de ser tanto, tanto, que os boches morrerão sufocados.

— Queres alguma coisa?  
— Anda, continua a cantar...

Contendo a emoção, Roger repetiu o estribilho e, desafiando enquanto ouvia o estertor do homem votado à morte, o seu pensamento voava para aquelas partes do mundo em que, possivelmente, o mesmo estribilho era cantado, acompanhado e escutado duma maneira completamente diferente.

— Tens uma péssima voz... meu amigo. Mas gostei... muito. — Foram estas as últimas palavras do morto.

Centenas de milhar de mortos, feridos, desaparecidos e prisioneiros.

A guerra entra no seu quinto ano. Meticolosos cálculos computam em trilhões de contos o preço da paz.

— Sempre vieram — disse o soldado Hermann para o cabo Schroeberg. — Ganhaste a aposta.

— Ainda não, meu rapaz. Então, as condições? Obrigaremos estes pândegos a irem tomar chá no Canal. Depois, sim, passa-me os cinquenta francos — retorquiu o cabo, de olhos postos nas margens das praias de Cherbourg, naquela manhã de 6 de Junho, ainda o sol não atingira o meio do céu.

Antes que fossem cercada, a guarnição de Schroeberg refugiou-se no arvoredor próximo, afim de continuar a atirar contra o inimigo.

Súbito, um planador, rebocado por um avião gigante, passou por cima das cabeças dos homens, aterrando pouco depois. Dezenas de soldados aliados puseram pé em terra e dispersaram-se pelos campos. O piloto, o último a sair do avião, coxeava, e parecia não ter pressa.

— Bom alvo — bradou Schroeberg, disparando simultaneamente a automática. Numa fracção de segundo, a alguns metros de distância, caía o homem alvejado. Mas dir-se-ia haver escorregado porque logo se levantou e tornou a deitar-se no chão onde começou a gatinhar.

— Para alguma coisa me havia de servir esta perna de pau — murmurou Roger, combatente, em Dunquerque, que regressava agora a França como piloto das forças aero-transportadas.

Logo que um grupo de paraquedistas veio ter com Roger, este indicou-lhe o ninho de resistência inimigo onde estavam Hermann e Schroeberg. Não lhes foi fácil domina-lo. Os atiradores andavam isolados. Nas praias, os destroços dos combatentes formavam um conjunto macabro de areia, sangue e gatinhar.

Hermann e os seus companheiros desejaram que a noite viesse.

Sósinho, a alguns metros do acampamento, Roger fumava o seu cachimbo. De vez em quando, estendia a vista para a outra margem do Canal. Aquela silêncio, após todo um dia de titânicos combates, recordava-lhe a trágica noite de Dunquerque. Um ligeiro estremecimento percorreu-lhe o corpo. Na realidade, aquela mesma noite voltava agora ao seu espirito. Não ouvira um gemido? O estertor característico do homem esvaziado por uma bala...

Tudo ouvido, Roger cortou o fio às suas recordações. Muito Perto, alguém perdia a vida. Coxeando, desceu à praia. Pensava que a sua sorte era lidar com a morte sobre a areia. Baixinho, truteava «Mr. Burrows...»

Quem tropeçando, curvou-se sobre o homem que gemia.

— Estás ferido?  
A resposta veio em alemão: «Ya». E logo em inglês: «Oh, é inglês... Que pena não lhe poder das hospitalidade condigna...». A fala era difícil. Fraca. — Que veio cá fazer?

— Vim ver se encontro por aí a minha perna — gracejou Roger. Uma bomba iluminante riscou os ares. Pre-



Passaportes  
Vistos  
e Passagens



TRATE NA

Casa ATLANTICA  
DE VIAGENS

AGENTE OFICIAL:

Leonel Gomes Coelho

RUA CAPÊLO, 8

TELEFONE 2 9471



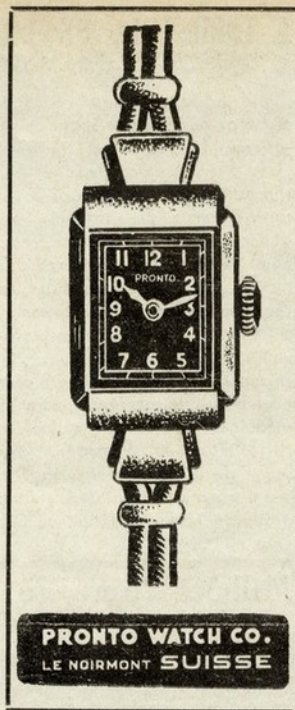
## A DERROCADA DO 7.<sup>o</sup> EXÉRCITO ALEMÃO

(Conclusão da pág. 8)

mais impressionante do que a acção dos alemães quatro anos antes. Essa acção, que atingiu o seu ponto culminante com a tomada de Paris, alcançou uma velocidade nunca igualada em nenhum dos teatros de operações desta guerra e chegou às fronteiras da Bélgica e do Luxemburgo, da Alemanha e da Itália.

Nada disso teria sido possível sem o desenvolvimento e a decisão da batalha preliminar, travada pelas forças britânicas em volta da cidade de Caen, verdadeiro fulcro da resistência inimiga, onde Rommel, e depois von Kluge, haviam pensado deter as forças aliadas para, depois, as lançarem ao mar. Sem o resultado vitorioso dessa batalha, que prosseguiu durante algumas semanas com alternativas diversas, mas em que os soldados ingleses mais uma vez se cobriram de glória, o avanço fulminante em direcção às fronteiras francesas, criando para o território do Reich uma ameaça imediata e, para a sua segurança, um perigo enorme, teria certamente sido retardado de algum tempo e exigiria sacrifícios incomparavelmente maiores de homens, de material e de tempo. E o tempo é, nesta fase da luta, o elemento fundamental de que depende a vitória.

Entre os primeiros desembarques na costa normanda e a penetração aliada no sector de Avranches—e são estes os dois pontos capitais da batalha da França sob o ponto de vista estratégico—feriu-se, num espaço relativamente estreito da Normandia, entre o Dives e o Vire e entre o mar e Caen, uma série de combates mortí-



feros que ficarão na história desta guerra como um exemplo de sacrifício e de devoção militar. As vitórias aliadas nas batalhas da Normandia e do Sena, que abriram às armas anglo-americanas o caminho do Reno e da planície belga, não teriam sido possíveis sem essa preparação brilhantíssima.

Foi à volta do Caen que a artilharia e as forças blindadas de Montgomery derrotaram, sem remissão, o 7.<sup>o</sup> exército alemão do general Hausser, a melhor formação da Wehrmacht, e que as sete divisões "Panzer", do marechal Rommel, incorporadas nesse exército, perderam a melhor e a maior parte dos seus efectivos e do seu material. Pode dizer-se, sem receio de exage-

## JORNALISTAS PORTUGUESES EM LONDRES

EM Julho de 1939, dois meses antes de estalar a guerra, um grupo de jornalistas portugueses visitou a Inglaterra, onde foi carinhosamente recebido. Viram os seus monumentos, os seus campos, as suas fábricas, padrões da actividade e da história dum grande país, ao qual estamos ligados, indissoluvelmente, por uma aliança de oito séculos. Nesta fotografia, vêm-

se os jornalistas Acúrcio Pereira, dr. Ribeiro dos Santos e Artur Portela, em Dowing Street, 10, a famosa residência do Primeiro Ministro.



ro, que foi ali que se decidiu a sorte da guerra no ocidente da Europa.

Durante quarenta dias, entre 6 de Junho a 16 de Julho, ingleses e canadianos combateram, com uma bravura raras vezes igualada, um inimigo decidido a regatear cada palmo de terreno e a bater-se por cada pequeno acidente que pudesse prolongar-lhe a resistência. Empregou nisso, não apenas as suas melhores tropas, mas todos os recursos que lhe era possível utilizar, trazidos dos vários campos de batalha por onde a sua acção se dispersa. Ao fim de quarenta dias de luta implacável, a vitória das armas britânicas era incontestável. A ocupação de Caen, seguiu-se a travessia do Orne e, a esta, a ocupação de Falaise. Na outra ala, os americanos, batiam-se, admiravelmente, infligindo ao inimigo golpes fulminantes que, depois, se converteram numa progressão vertiginosa através das terras de França.

Quando Falaise caiu em poder dos aliados, a batalha

da França estava decidida e os restos do 7.<sup>o</sup> Exército cercados ou em fuga. O que depois se passou é a história que anda na memória de todos. O avanço fulminante que libertou a França duma ocupação que se prolongara ao longo de quatro anos, com consequências, que poderiam ter sido fatais para uma das maiores e mais justamente orgulhosas nações do mundo, pelo seu passado e pela sua missão histórica.

## Um editor inglês

(Continuação da pág 12)

pelas obras do poeta. Como muitas casas famosas e prósperas, a de John Murray teve princípio modesto. Alguns anos depois da revolta jacobita, um jovem escocês, de nome John Mac Murray, ex-tenente de fuzileiros da marinha, abriu uma livraria na Fleet Street, em Londres, eliminando o prefixo Mac, que indicava a sua origem, numa época em que os escoceses não eram vistos com muito bons olhos.

A venda de livros era ocupação um tanto monótona, mas, num quarto de século, John Murray desenvolveu largamente o seu negócio.

O segundo John Murray nasceu em 27 de Novembro de 1778 e

## HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, as erupções ou ardência na pele.

Il venda em tôdas as farmácias e drogarías

Vicente Ribeiro & Carvalho  
da Fonseca, Limitada

RUA DA PRATA, 237  
LISBOA





## ACABE COM A ACIDEZ

Quando o terrível inimigo, a acidez, ataca, o importante é fazer o imediato contra-ataque.

É por esta razão que Rennie lhe presta um grande auxílio. Onde quer que se encontre, poderá chupar duas Rennie de gosto delicioso, uma logo em seguida á outra. Não precisará de esperar pelo copo de água. Chupará as Pastilhas Rennie como se fossem dois caramelos. Rennie entra imediatamente em acção contra a acidez. O excesso de ácido no estomago, é neutralizado com rapidez. A sensação de queimadura desaparece. A dor acaba, assim como a má disposição. Voltará a poder comer como qualquer rapariga do liceu. Esteja sempre apta a derrotar a acidez com Rennie, e não precisará de voltar a sofrer da horrível indigestão. Todas as farmácias vendem Rennie.



recebeu educação esmerada na Escola Superior de Edimburgo e na Academia do dr. Burnney, em Gasport. John Murray, pai, indicou ao director daquele estabelecimento de ensino as matérias que desejava fossem ensinadas a seu filho: latim, francês, matemática, contabilidade, história, geografia, geometria, astrologia, filosofia e dança.

Foi o segundo John Murray que teve a idéia da célebre "Quarterly Review", cujo primeiro número saiu em Fevereiro de 1809. A sua tiragem atingiu, rapidamente, 12.000 exemplares e nela colaboraram os principais homens de letras da época.

Graças à sua generosidade e à sua competência, Murray editou os melhores autores do seu tempo.

Um dos primeiros grandes êxitos de Murray foi o Livro de Cozinha de M.<sup>mo</sup> Rundell, cuja venda foi, incontestavelmente, mais rendosa para o editor do que o "Childe Harold", de Byron.

Murray morreu em 27 de Junho de 1843, e o terceiro Murray ocupou o seu lugar.

Actualmente, o chefe da casa que é, também, o redactor-chefe da "Quarterly Review", é Sir John Murray, o quinto Murray.

## A INDÚSTRIA DE LÃ

(Continuação da pág. 21)

A indústria inglesa de lã já elaborou os seus projectos da após-guerra. Muitas firmas tomaram já as disposições necessárias para reconstituírem as suas fábricas e reorganizar a sua produção, segundo os processos mais modernos, afim de diminuir os preços dos tecidos e assegurar uma distribuição mais uniforme. Os fabricantes britânicos melhoraram consideravelmente os seus produtos encorajando os seus operários a proporem aperfeiçoamentos para as máquinas futuras. Acumulam-se, neste momento, formidáveis reservas de lã da melhor qualidade e em quantidade suficiente para a produção normal de dois ou três anos.

## Milhões como nós

(Continuação da pág. 24)

Paralelamente, um outro idílio surge entre uma formosa operária e um sargento da R. A. F. Raras vezes nos tem sido dado apreciar tão tocante e singela história de amor como a destes dois jovens que a guerra foi buscar aos seus lares tranqüilos para os unir por um sentimento tão digno e tão chelo de grandeza, como o que eles experimentaram.

"Milhões como nós" é um admirável conjunto de cenas arrancadas à própria vida, mostrando como nenhum outro o sacrifício, a coragem e as aspirações da heróica mocidade da Inglaterra.

## AS MULHERES SÃO SEMPRE BONITAS

(Continuação da pág. 19)

Julietta? Que importa! Há os cabelos, graça luminosa e delicada das cabeças femininas do

nosso tempo. E se o leitor — perdão, a leitora se der ao cuidado de observar verá nos contornos artísticos dos penteados a evocação das tranças românticas ou das onduladas cabeças fulvas das patricias romanas, após longas horas de cuidados artísticos praticados pacientemente no ambiente criador de beleza dos tepidários.

Por isso, não há mulheres diferentes: há, simplesmente, mulheres a quem a sedução da beleza impolga na eternidade do seu prestígio dominador.

O resto, o tempo em que vivem e fascinam com a sua graça, não tem importância de maior.



## O ESTÔMAGO SUPORTA MAL A ANSIEDADE

Os nervos exacerbados por preocupações constantes agem em primeiro lugar sobre o estômago que se desarranja. Logo aos primeiros sintomas duma má digestão, dores, ardências, flatulência, azia, acidez, tome uma pequena dose de pó ou alguns comprimidos de Magnésia Bisurada. Três minutos depois a digestão far-se-á normalmente e a hiperacidez, causa da maior parte destes incómodos, proveniente dum sistema nervoso enfraquecido, estará instantaneamente neutralizada.

DIGESTÃO ASEGURADA com **MAGNÉSIA BISURADA**

À venda em todas as farmácias em pó ou comprimidos a 15 \$00 e 23 \$00.



## "RALEIGH" A BICICLETA FABRICADA TODA DE AÇO

Quando o Senhor compra uma bicicleta Raleigh consegue produto inglês dos melhores, e aproveita muito bem do seu dinheiro, porque e dum acabamento e leveza excepcionais. A Raleigh reúne uma solidez e resistência insuperáveis e o máximo de durabilidade.

Não fatigam, respondem ao toque mais ligeiro, e com o uso delas o ciclismo é um prazer. Todas as características principais das melhores bicicletas estão incorporadas na Raleigh. O seu negociante sabe disto — pergunte-lhe!

DISTRIBUIDORES:

**ARMANDO CRESPO & C.<sup>A</sup>**  
RUA DO CRUCIFIXO, 116 — LISBOA

THE RALEIGH CYCLE CO. LTD., NOTTINGHAM, INGLATERRA

PORTUGUESE

2839

Desde Tunis a Kisca... de Tarawa a Cassino... os rapazes americanos, equipados com solas Panco, vão marchando para a vitória. É uma guerra dura, uma guerra de movimento que requiere solas à altura da sua árdua missão. Trilho de montanha ou carreiro de selva, Panco leva-os de vencida, como o bom soldado que é. Com a paz, Panco regressará ao serviço dos civis. Melhor do que nunca, graças à experiência adquirida, com as necessidades da guerra, pela maior fábrica do mundo no seu género. Valerá a pena ter esperado pelas

# A VOLTA AO MUNDO

## SOLAS PANCO



# B. B. C.

A VOZ DE LONDRES FALA e...

o Mundo Acredita

A partir do dia 26 de Agosto, as transmissões do B. B. C. terão lugar conforme o horário que segue: -

08.45-09.00: — Noticiário — 49.92 m. (6.01 mc/s.),  
41.96 m. (7.15 mc/s.), 31.61 m. (9.49 mc/s.),  
31.41 m. (9.55 mc/s.), 25.42 m. (11.80 mc/s.),  
19.91 m. (15.07 mc/s.).

13.15-13.45: — Noticiário e Actualidades — 49.92 m.,  
41.96 m., 31.61 m., 31.41 m., 25.42 m.,  
19.91 m., 16.79 m., (17.87 mc/s.).

18.30-18.45: — Noticiário — 41.96 m., 31.61 m., 31.41 m.,  
19.91 m.

18.45-19.00: — Voz da América — 41.96 m., 31.61 m.,  
31.41 m., 19.91 m.

21.15-21.45: — Noticiário e Actualidades — 41.96 m., 31.61 m.,  
31.41 m., 19.91 m.

HOME AND FORCES PROGRAMME — Publicam-se, semanalmente, no RÁDIO NACIONAL e no ANGLO-PORTUGUESE NEWS, programas seleccionados dos Serviços Nacionais da B. B. C.





# MUNDO GRÁFICO



A aliança  
Franco-Britânica  
sela-se assim  
com um beijo  
de ternura  
nas ruas de Paris  
libertada